

SABERES CONTEMPORÂNEOS E DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

*Silvana Malusá**
*Márcia Rodrigues Soler Montalvo***

RESUMO

No presente artigo, apresenta-se um breve histórico da chamada sociedade pós-moderna, tendo como principal objetivo produzir uma reflexão acerca da importância do papel do professor universitário em meio às novas necessidades que surgem da efervescência e das mudanças vertiginosas da sociedade. Considera-se a questão da urgência para reformular os modos de pensar, aprender e ensinar, ampliando a visão dos novos fenômenos apresentados em nossas vidas. Assim, a formação dos universitários se torna mais completa e apropriada para atuar em meio à complexidade da sociedade contemporânea, com toda sua diversidade cultural. Discute-se a necessidade da prática da reflexão como uma forma de potencializar o aprendizado e combater a alienação que vitima nossa sociedade, através da busca de um eixo interno de equilíbrio. Propõe-se, ainda, a conscientização e o desenvolvimento de maior competência didática dos professores, para aumentar as possibilidades de aproveitamento do rico contato que pode ocorrer nos ambientes de ensino superior, tanto em função das relações interpessoais como pela riqueza da diversidade cultural existente.

Palavras-chave: Didática e Educação Superior, Docência Universitária e Pós-Modernidade, Diversidade Cultural e Educação Superior.

* Doutora em Educação e Professora do P.P.G.E e da Faculdade de Educação - FAGED da UFU.

** Consultora em Educação Empresarial.

ABSTRAT

In the present article, is shown a brief report of the so called pos-modern society, as it's main point the production of a concerning reflection about the importance of the academical teacher's role amid the new needs due to the effervescence and vertiginous changes in society. It's taken in consideration the urgency to reformulate the ways and styles of thinking, learning and teaching, so as to enlarge the perception of the new phenomena presented in our lives. So, the formation of university students becomes more complete and appropriate to act and deal amid the complexity of the contemporary society, with all its cultural diversity. The need to practice reflection is discussed as a way to raise the learning and combat the alienation that slays our society, through the search of an internal point of equilibrium. It is proposed yet, to work the understanding and the development of a greater didactic competence for the teachers, looking to increase the possibilities of using the advantages of a richer contact that can take place in higher education atmospheres, so much in function of the interpersonal relationships as for the wealthy cultural diversity.

Keywords: Didacticism and Higher Education, College Teaching and Pos-Modernism, Cultural Diversity and Higher Education.

Introdução

Nossa civilização encontra-se imersa em problemas de grande diversidade e magnitude, nos âmbitos social, econômico, político e cultural. Não são poucos os que preferem generalizar logo: 'É um caos total!' Sabemos que esta situação se manifesta hoje em condições muito diferentes daquelas que o homem havia enfrentado até agora, agravadas pela velocidade surpreendente das informações. Vivemos em meio a grandes ondas de manifestações culturais diferentes, o que faz com que o indivíduo tenha dificuldades de se localizar: às vezes, se vê dono de tantas opções que não sabe

escolher, outras vezes pensa que as tem, quando suas escolhas encontram-se modeladas pela própria força da mídia, sem que se perceba. Este e outros paradoxos fazem parte de nossa vida cotidiana, e é considerando tal contexto, de grande diversidade e complexidade, que nos preocupamos em aprofundar a reflexão acerca da prática docente universitária, por acreditarmos que a escola superior trabalha com a possibilidade real de produzir alterações significativas na forma de pensar e agir de seus alunos.

Abordamos, portanto, alguns aspectos gerais que caracterizam a sociedade contemporânea, ou pós-moderna, em sua forma de pensar, de se relacionar e de agir neste cenário, do qual somos integrantes ativos. Devemos examiná-lo sob as lentes da inteligência, da sensibilidade e das possibilidades criativas, conscientes de que estamos em busca da manutenção de algum equilíbrio e controle sobre os acontecimentos de nossas próprias vidas e de nossa comunidade, no presente e no futuro.

Cabe-nos lembrar uma das idéias defendidas pelo historiador Arnold Toynbee (1986), quando propõe que a civilização pode ser definida como o esforço para criar um estado social em que toda a humanidade conviva em harmonia, como membros de uma só família, dizendo acreditar “que esta é a meta que todas as civilizações até agora conhecidas têm procurado atingir inconscientemente, se não conscientemente” (p. 45).

Mostra-se, à nossa frente, o futuro, que sempre se apresenta como um enigma que deve ser decifrado e contextualizado a cada ato, a cada dia, por cada um de nós. A mudança constante é a única certeza que nos acompanha na jornada frente aos problemas complexos e desafiadores. Nossa busca deve dirigir-se ao desenvolvimento da consciência, da percepção ampla e particularizada do mundo e suas inter-relações, de forma que possamos ter mais bem definidas as opções e caminhos, descobrindo como interagir e fazer escolhas que possam ser de maior valor para toda a sociedade.

O papel do docente universitário na sociedade pós-moderna

O termo pós-moderno foi cunhado por Toynbee e tem sido

usado pelos historiadores americanos para denominar o período em que se iniciou, simbolicamente, com a explosão da bomba atômica sobre Hiroshima, em 1945, caracterizado por mudanças profundas e aceleradas no campo da arquitetura, das ciências e das artes. Foi se alastrando na filosofia, na moda, no cinema e na música. Invadiu o cotidiano das pessoas pela tecnologia e ciência, na forma de larga exposição de produtos e serviços contemporaneamente oferecidos, mas ninguém soube ainda classificar “se é decadência ou renascimento cultural” (Toynbee *apud* Santos, 1991, p. 7).

Alguns estudos conceituais, sobre a sociedade pós-moderna, descrevem-na como alarmantemente consumista e que está a viver no conformismo, sem possuir ideais, achando-se reduzida e atomizada pela comunicação de massas, que a maneja conforme os interesses dos produtores de bens e serviços. O indivíduo é seduzido para o consumo e seus valores estão baseados cada vez mais no prazer obtido dentro dos *shoppings*, por exemplo. O homem comum teve seu cotidiano invadido pela tecnologia eletrônica, que o satura com informações, diversões e serviços, que mal consegue utilizar. E, em meio a tudo isso, ele encontra-se perdido, deslocado, faltalhe um sentido para a vida: seus valores antigos desapareceram e ele não consegue substituí-los adequadamente (Santos, 1991).

Percebemos que a alienação é fruto do não pensar, do não refletir, do anestesiarse à frente de programas tolos destinados a distrair, a desviar a mente das questões importantes e dos problemas, transmitidos principalmente pelas redes de televisão de massa, com seu referencial impositivo sobre como as pessoas devem se comportar, pensar e resolver suas vidas. Em outras palavras, trazendo suas recomendações implícitas – e até mesmo explícitas – do que fazer e consumir, dependendo dos interesses de momento daqueles que mantêm o controle nas mãos.

Observamos uma situação paradoxal, pois o conhecimento nunca esteve tão ao alcance das pessoas comuns como hoje, através das diversas formas de comunicação instantânea, à disposição de parte considerável da população. Porém, os mesmos meios de comunicação que podem servir para a democratização do conheci-

mento estão a serviço da mídia da sociedade de consumo, explorando e seduzindo com seu poder, criando necessidades superficiais nas pessoas: cada produto ou serviço trata de atrair a atenção para si, de modo a produzir efeitos de insatisfação permanente, explorando a sensação que geram, de que sempre está faltando algo para que as pessoas fiquem bem. A sedução para o consumo faz com que o homem se torne manipulável e que seja explorado em sua anestesiada fragilidade. As melhores chances que ele tem de alterar tal quadro são encontradas no universo do conhecimento estruturado, pela conscientização advinda do refletir, o que vai lhe possibilitar fazer melhores e sábias escolhas, em meio à turbulência generalizada. Este é um dos pontos mais importantes que devemos sublinhar, quando iniciamos nossa reflexão sobre a importância do papel do professor universitário neste cenário.

Vejamos também um aspecto derivado do anterior, que encerra novo problema: existe muita informação setorizada, especializada, fornecida em milhares de fragmentos que chegam de diversos pontos. No entanto, há pouca capacidade de percepção global nas pessoas, de forma geral, para transformar as múltiplas e incompletas informações em conhecimentos de valor. Edgar Morin alerta-nos para o fato de que “a compreensão de dados particulares exige a ativação da inteligência geral e a mobilização dos conhecimentos de conjunto... é preciso mobilizar o todo” (Morin *apud* Martins e Silva, 2000, p. 30).

Se levarmos em conta fenômenos como o nível de especialização do conhecimento a que estamos chegando, podemos perceber que tal fato vai exigir novos esforços para que se compreenda melhor o todo, em um fenômeno que já não é negado, mas estudado por diversos pensadores. É preciso unir os fragmentos e organizá-los de forma coerente, por isso, torna-se evidente a importância que adquirem as habilidades de uso da inteligência global, que possibilita ao indivíduo ter uma visão de mundo mais abrangente, sem negar o valor das partes, mas conectando-as de modo significativo. Só então pode obter as melhores soluções para os problemas complexos que exigem sempre mais habilidades de promover

intercâmbio de conhecimentos entre pessoas e áreas distintas, envolvendo troca de experiências e criação de ambientes para a convivência produtiva e interdependente entre as pessoas. Logo, a competência exigida aqui para estabelecer vínculos de troca entre os estudiosos e profissionais é outro aspecto a pontuar em nossa reflexão sobre o papel do professor nos tempos atuais.

De acordo com Morin, é preciso que seja feita uma mudança na maneira de pensar, para a modalidade que ele chama de pensamento complexo, ou a forma de pensar que lida com a incerteza e consegue conceber a organização, unindo e contextualizando, ao mesmo tempo em que se é capaz de reconhecer o singular, o individual e o concreto.

É preciso substituir um pensamento que separa por um pensamento que une, e essa ligação exige a substituição da causalidade unilinear e unidimensional por uma causalidade em círculo e multirreferencial, assim como a troca da rigidez da lógica clássica por uma dialógica capaz de conceber noções ao mesmo tempo complementares e antagônicas; que o conhecimento da integração das partes num todo seja completada pelo reconhecimento da integração do todo no interior das partes. (Morin apud Martins e Silva, 2000, p. 40)

Para Giroux (1987), conhecimento e poder estão interligados, pois há o pressuposto de que, para mudar a vida, de maneira a torná-la possível, é necessário compreender as precondições necessárias para lutar por ela. Possuir poder significa exercer algum tipo de influência sobre os demais. Historicamente, nossas instituições de ensino têm servido às classes dominantes, no sentido de reproduzir e até mesmo justificar a manutenção do poder pelas mesmas, utilizando-se das modalidades culturais eruditas, e que são negadas às classes menos favorecidas, através de muitos artifícios. Saviani (1988) explica que o homem dominado não pode se libertar se não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam, ou seja, o conhecimento da linguagem, dos instrumentos e dos mecanismos do poder é a condição para que a vida das pessoas

seja mais livre e autônoma. Professores são capazes de exercer a influência esclarecedora, que induz à investigação e à reflexão, principalmente se assumem a tarefa de ir além do conteúdo teórico ou técnico que trabalham em suas disciplinas, tornando-se mais conscientes de seu papel de auxiliar na produção das transformações que nossa sociedade tanto necessita.

Podemos observar como os grupos se fortalecem depois de terem suas condições de aprendizagem institucional melhoradas, tornando-se mais competentes na gestão de suas próprias vidas e assumindo papéis e funções de direcionamento e defesa dos direitos da comunidade, ou seja, transformam-se em verdadeiros donos de seus destinos e influenciam outros. Aprendem a refletir, e, Lara (1988) acrescenta que no processo educativo, cabe estimular o desenvolvimento da filosofia, pois a ela cabe “a tarefa de ser uma instância crítica e esclarecedora da cultura racional. Daí sua importância pedagógica e o medo que dela têm aqueles que querem se aproveitar do poder para dominar também culturalmente” (p. 12).

Quando, cotidianamente, estamos enfrentando problemas cada vez mais difíceis e complexos, sem dúvida necessitamos mais e mais da capacidade de perceber e avaliar criticamente a própria experiência em meio à sociedade. Frente à verdadeira avalanche de idéias fragmentadas e de múltipla natureza, vindas de fontes nem sempre confiáveis, mais a infinidade de matérias comerciais que nos assaltam, temos posturas alternativas: situar-nos passivamente diante de tal realidade, recebendo sua influência massacrante e atordoante, ou desenvolver um espírito crítico preparado para opor resistência a essa realidade e desmascará-la, quando necessário. Kilpatrick (1964) fala-nos dessa exigência que se acentua à vista do enorme desenvolvimento dos processos de comunicação do pensamento, pois a mente das massas cada vez menos carece de estímulos diretos do mundo físico, podendo ser dominada com facilidade, se não houver nenhum tipo de ajuda dos meios educacionais. Já em meados da década de 1930, na primeira edição de seu livro, o autor alerta-nos para as necessidades de novas formas de pensamento e educação para uma civilização em mudança acelerada, que ainda hoje consideramos atuais e pertinentes, lem-

brando que até pouco tempo, a educação foi tida como preparação para um futuro pré-fixado e o trabalho escolar, em grande parte, se não no todo, degenerou no esforço de aprender matérias. Como em nossa sociedade tão complexa, existe a necessidade de ajustes constantes, de reorganizar as formas de pensar e abordar os problemas que se apresentam cotidianamente, então devemos buscar ampliar a visão das coisas e desenvolver o sentimento da relação do próprio trabalho com o resto do processo social, manifestar interesse pelo grupo social e entrar em cooperação com ele. Kilpatrick (1964) aponta também, para o fato de que enfrentamos um futuro desconhecido e sem objetivos definidos e do qual só sabemos que está em permanente mudança, exigindo de todos um grande esforço para reorganizar com harmonia as novas situações que estão se apresentando. E aí diz que “a escola precisa tornar-se um lugar onde se realize a vida verdadeira, a experiência real, para que se consiga conservar a marcha em meio à mudança, a fim de que se possa aprender a decidir por si mesmo”. (p. 60)

Ao enfocar questões relacionadas à prática docente universitária frente ao contexto atual, estamos considerando que o processo educativo, de forma geral, tem como meta oferecer ao indivíduo a possibilidade de ser livre e independente. Isto significa não ignorar os vínculos que o mantém ligado à sua realidade social, às condições econômicas, sociais e culturais de seu país e ainda considerar as possibilidades de se manter consciente da fragilidade e ambigüidade da vida no próprio planeta em que habitamos.

Kilpatrick (1964), desde décadas atrás, fala da necessidade de educar para as situações contemporâneas de mudanças permanentes: “Gostemos dela ou não, a filosofia da mudança é a única que pode assim abordar o nosso tempo para servir-nos de guia” (p. 49). O ponto de enfoque seria o de reorganizar diversas disciplinas, como a ética, a religião, a filosofia, a lógica e harmonizá-las com as novas situações. Então, estamos a nos preocupar com a questão fundamental: o que podemos fazer, enquanto educadores, para criar condições para que nossa ação seja de real valor para a sociedade contemporânea, ajudando o indivíduo a encontrar eixos de equilíbrio em meio ao tumulto generalizado?

Temos encontrado, com muita frequência, indicadores da baixa qualidade da prática docente universitária, nas diversas áreas do saber. São sintomas como dificuldades de relacionamento do docente, principalmente com os alunos; ausência de uma adequada e ampla fundamentação teórica, bem como de uma visão clara e não difusa sobre o que é educação, o que é ser docente, e, apresentando, muitas vezes, desinteresse em adquirir novas aprendizagens. Essas dificuldades geram graves problemas, desde a indiferença banal até à alienação agressiva, interferindo tanto em sua qualidade de vida, como naturalmente, nos processos de ensino e aprendizagem.

Se levarmos em consideração todas as habilidades que a sociedade contemporânea está nos solicitando, podemos perceber a necessidade de modificar, com urgência, alguns aspectos no âmbito de formação do profissional que atenda as exigências da sociedade atual. Masetto (1998, p. 13) lembra-nos que “as instituições de ensino superior, sendo educativas, têm sua parcela de responsabilidade pela formação de seus membros como cidadãos (seres humanos e sociais) e profissionais competentes”.

Assim, abordamos, a seguir, alguns pontos relacionados ao problema da especialização técnica *versus* a competência didática, considerando o descuido de muitos profissionais de ensino superior com esta última. Reconhecemos que o professor é o responsável direto por facilitar as mudanças no perfil profissional, humano e social dos seus alunos, lembrando que “o ensino superior não pode ser visto como um conjunto fechado separado do mundo” (Charle e Verger, 1996, p. 128).

Especialização técnica e competência didática

Nos cursos superiores criados inicialmente no Brasil, a forma de ensinar pautava-se por modelos de uma abordagem tradicional, onde o professor era o único detentor do saber. Quase sempre os profissionais bem sucedidos no mercado de trabalho eram convidados a lecionar, pois acreditava-se que bastava saber, ter o domínio técnico de uma profissão, para estar apto a ensinar, como

se o processo de ensino se desse de forma tão simples: o aluno apenas repetindo o que o professor passava em sala de aula. Dessa forma, as aulas eram quase sempre palestras expositivas, mostrando o que o aluno deveria fazer na prática para seguir os caminhos já trilhados por aquele docente. Caso o aluno não aprendesse, toda a responsabilidade era atribuída a ele mesmo e ninguém ousava perguntar “se o professor estava ensinando bem a matéria, se havia sido claro, se estabelecera uma boa comunicação com o aluno, se o programa estava bem adaptado às necessidades e aos interesses dos alunos” (Masetto, 1998, p. 12).

Observando nossas salas de aula de hoje, perguntamos até que ponto este quadro terá se alterado?! Sabemos que uma grande parcela de nossos professores, ainda são escolhidos da mesma maneira descrita acima, ou seja, se são bons profissionais, reconhecidos pelo desempenho no mercado de trabalho, logo são convidados a ministrar aulas. Muitas vezes o preparo didático fica outorgado a outro plano, quando não completamente esquecido, como se não fosse parte da atividade de ensino superior.

Masetto (1998) aponta-nos que só recentemente os professores universitários começaram a se conscientizar de que a docência, como a pesquisa e o exercício de qualquer profissão, exige capacitação própria e específica. E o ensino, normalmente feito de cima para baixo, pode começar a ser repensado. E é urgente que se faça isso, porque, mesmo hoje, são poucos os professores que sabem fazer a pergunta essencial aos processos de ensino e aprendizagem: “o que devo ensinar a meus alunos? Ou, o que meus alunos precisam aprender para se tornarem cidadãos profissionais e competentes numa sociedade contemporânea?” (p. 12). Acrescentamos aqui outra pergunta: Como posso facilitar a aprendizagem de meus alunos? Ou, como posso fazer para que meus alunos construam devidamente o conhecimento e o façam de tal forma que passem a aprender continuamente? Porque, infelizmente, muitos ainda não têm consciência, no seu fazer em sala de aula, de que a aprendizagem dos alunos é objetivo central dos cursos de graduação. A qualidade que a sociedade está a necessitar não é aquela que os profissionais recém-formados estão levando para

fora da universidade. Hoje se exige, cada vez mais, que os sujeitos possuam visão global e sejam competentes, capazes de resolver problemas e de fazer perguntas pertinentes, que os levem ao núcleo das questões, que sejam criativos, flexíveis e ágeis. Além das habilidades técnicas convencionais, precisam de uma formação que os encaminhe no sentido de serem capazes de continuar pesquisando e agregando valores novos aos conhecimentos que conseguiram construir na universidade, estilo autocentrados, pois além de possuírem autonomia em aprendizagem, consigam equilibrar-se em seu eixo, formado por um sólido referencial interno.

O professor, para estar habilitado a trabalhar com todas estas características, antes de qualquer outra coisa, necessita ser um especialista em aprendizagem. Conhecer como o ser humano adulto aprende, como se dá a construção do conhecimento em áreas específicas na estrutura de sala de aula, individualmente e em grupo; como modificar, se necessário, as próprias condutas pessoais frente aos diferentes estilos de alunos e de formas de aprender. Também precisa ser, ele mesmo, um indivíduo capaz de pesquisar e aprender continuamente, e que se perceba como elemento em mudança constante, renovando-se em posturas e atitudes de adaptação dinâmica e contínua. Partimos do princípio de que não podemos auxiliar a desenvolver nos outros, aspectos que nós não possuímos, ou não desenvolvemos. Assim, não há como estimular o processo de aprendizagem contínua junto aos alunos se o professor não for, ele mesmo, um bom e constante aprendiz, não apenas em conteúdos teóricos, mas em diversos pontos. Morin afirma categoricamente que “é necessário que eles se auto-eduquem, e se eduquem prestando atenção às gritantes necessidades do século, as quais são encarnadas também pelos estudantes.” (Morin *apud* Martins e Silva, 2000, p. 41)

E, dentre os principais pontos a desenvolver, queremos enfatizar aqui os aspectos de “competência relacional” e “espírito crítico-reflexivo”, os quais, ao nosso ver, merecem um tratamento diferenciado no ensino superior.

Ao falarmos de competência relacional, observamos que, freqüentemente, encontramos professores que se esquecem de que,

em seu trabalho cotidiano, estão na condição de seres humanos em situações de relacionamento com outros seres humanos, seus alunos. Certamente, aqueles que já valorizam e aplicam conhecimentos mais atualizados a respeito do processo de aprendizagem, sabem levar em consideração os aspectos de relacionamento interpessoal e sua importância dentro do conjunto. Masetto (1998) lembra-nos que, ao admitir que existe essa dimensão afetivo-emocional na sala de aula, os espaços se abrem para a expressão e aperfeiçoamento da atenção, do respeito, da cooperação, da competitividade, da solidariedade, da segurança pessoal, levando ainda à valorização da singularidade e das mudanças que surgem sempre, resultando também em um melhor desempenho no relacionamento com o ambiente externo.

Além do já citado, devemos considerar o volume de conhecimentos que possuímos hoje sobre como se processa a aprendizagem, lembrando que não são poucos os que afirmam, que nada chega à mente racional sem ter passado antes pelo coração, entendendo aqui o coração, como uma metáfora para o mundo emocional. Se o indivíduo não tiver suas funções emocionais ativadas junto com as racionais, o aprendizado não acontece de forma plena, faltando-lhe componentes que ajustem os significados no cérebro. Daí as crescentes práticas didáticas de situações simuladas, vivenciais e comunitárias, ou de interpretação personalizada, utilizando ainda alterações de humor e outras emoções para facilitar o entendimento, a memorização e a aplicação prática de conteúdos teóricos.

Metodologias didáticas diferenciadas, voltadas para a ativação do maior número possível de recursos internos de aprendizagem dos alunos, não chegam a ser novidades, pois são as formas mais naturais de aprendizagem que todo homem utiliza para aprender aquilo que precisa, em seu cotidiano. Apenas nossa escola se distanciou do que é natural e facilita o processamento orgânico das informações, passando a se utilizar, principalmente, de métodos expositivos e palestrados, mais fáceis de trabalhar com grandes grupos.

Retomamos a necessidade de desenvolvimento do espírito crítico-reflexivo, como uma premência de nosso tempo, o qual deve

se dar através de uma reflexão em dois casos, durante a ação e sobre a ação, funcionando como formas de desenvolvimento profissional. É uma prática de distanciamento breve, em que não há a perda do contato de qualidade com a ação propriamente, como um diálogo com a situação. Posteriormente, através da reconstrução mental, pode-se fazer a análise meticolosa do ocorrido. O ganho é no sentido de promover uma reestruturação da ação.

E hoje, quando estamos sentindo a aceleração real dos momentos da vida, na pressa e na sobrecarga de atividades, quando não podemos mais parar para trocar umas poucas palavras com outras pessoas, inclusive colegas profissionais, o conceito de reflexão surge quase como se estivesse deslocado e fosse inviável: baseia-se na vontade, no pensamento, em atitudes de questionamento e curiosidade, na busca da verdade e da justiça, combina-se a racionalidade da lógica investigativa com a irracionalidade inerente à intuição e à paixão do sujeito pensante (pimentel, 1999). Entretanto, o conceito de reflexão pode ser usado de forma pertinente, em qualquer ambiente onde se deseje ampliar a consciência a respeito de fatos e processos, desde que as pessoas se apropriem desta idéia para aplicá-la, percebendo o quanto ela pode trazer de benefícios para sua prática de vida e também para seu desempenho profissional.

Existe a possibilidade de associarmos o conceito de desenvolvimento do espírito crítico-reflexivo ao da personalidade criativa, que tem por características fundamentais: atitudes de não se deixar acomodar, de estar sempre insatisfeito com os resultados já obtidos, de ser flexível, ver o óbvio com olhar indagador, buscar sempre visualizar aspectos globais e particulares ao mesmo tempo, tolerar e explorar a ambigüidade, ter múltiplos interesses e opiniões originais. Indivíduos criativos possuem todas as características que nos interessam num profissional contemporâneo: é capaz de enfrentar as mudanças vertiginosas, sem perder seu próprio eixo — é internamente alinhado — e também apresenta o melhor estilo de desempenho, pois está sempre vislumbrando possibilidades de contribuir para o desenvolvimento da sociedade, não por vaidade, mas movido por vontade legítima de fazer alguma diferença para sua espécie.

O fato de estar autocentrado o aproxima mais de toda a espécie, de toda a comunidade, por identificação profunda com as necessidades de seu tempo. O processo de desenvolvimento das atitudes crítico-reflexivas naturalmente auxilia o homem a entrar em contato com suas habilidades criativas, percebendo-se com coragem suficiente, liberdade e disposição para agir, fazendo alguma diferença significativa para os que o rodeiam, pois pensa e compara, identificando necessidades, corrigindo rumos, planejando ações, executando seus projetos e motivando outros para fazerem o mesmo.

Para aprofundar nossas observações acerca da importância do papel do professor, avançamos em direção a outro ponto onde sua influência pode ser fundamental: ao conseguir realizar seu trabalho levando em consideração a diversidade cultural presente no estilo pós-moderno da sociedade e presente também nas diferentes origens de seus alunos, está auxiliando na criação e amadurecimento do respeito às diferenças, tanto na teoria quanto na experiência real.

Educar frente à diversidade cultural

Conceitualizar cultura em breve espaço é uma tarefa desafiadora na qual corremos o risco do reducionismo, considerando ser tantas as definições já feitas por estudiosos, torna-se difícil selecionar uma ou duas, dentre as mais abrangentes e objetivas. Apenas para retomar alguns conceitos básicos que norteiam nosso pensamento, lembremos a explicação do professor Lara (1988), quando diz que cultura é o fruto do trabalho transformador do homem sobre a natureza inteira. O autor acrescenta que, ao conjunto de produções materiais de um grupo humano qualquer, chamamos cultura desse povo, ou bens culturais desse povo. Diz ainda que a produção cultural é uma atividade social, que é todo o grupo humano que produz, em resposta aos desafios e exigências da vida cotidiana, logo são as leis, línguas, instituições, valores, costumes, religiões, as teorias explicativas da realidade. E hoje, principalmente, chamamos cultura às produções mais refinadas, menos materializadas.

Segundo Damatta (1986), em *Antropologia Social e Sociologia*, cultura é a maneira total de viver de um grupo, sociedade, país ou pessoa, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. Em suma, do ponto de vista da Antropologia, “a cultura é um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado” (p. 123), e embora não possa prever como iremos nos sentir, ou a forma de desempenhar nossos papéis, nos mostra as maneiras gerais de como as pessoas que viveram antes de nós os desempenharam, nos dando um referencial.

Toda produção cultural é resposta a uma necessidade bem concreta para o homem: descobrir o sentido e o significado da sua existência e, por revérbero, da existência de tudo (Lara, 1988). A compreensão e conscientização do fenômeno cultural são fatores de enriquecimento de qualquer grupo humano, que pode se apropriar de seus mecanismos para ajudar a direcionar seus próprios rumos, tecer seus próprios significados, construindo uma estabilidade flexível e necessária para o crescimento do mesmo.

Ao considerar toda a complexidade dos múltiplos aspectos culturais a que estamos expostos, é necessário refletir sobre a importância do papel da escola, particularmente do ensino superior, na busca ou mesmo na construção de metas específicas, dentro de visões mais amplas e coerentes para toda a sociedade.

O Brasil é um dos países da América Latina mais ignorante de sua própria cultura e os educadores começam a se preocupar com isto. É um absurdo um adolescente deixar a 8ª. série sem saber somar frações, mas é também um absurdo não saber quem foi Portinari e nunca ter visto pelo menos reproduções de obras de Tarsila do Amaral e de Anita Malfatti. Que utilidade tem isto? Vocês podem perguntar. Acesso ao código erudito, que é o código do poder, é essencial para a ascensão de classe. É tão importante quanto a valorização da cultura da classe em que se vive o é para o reforço do ego. Por outro lado, a consciência de cidadania dificilmente se aguça se não conhecemos a produção do país do qual somos cidadãos. As comunidades humanas

são organizadas com base em específicas informações compartilhadas por todos. (Barbosa, 1998, p. 45)

Outra consideração importante a fazer nos vem de Giroux (1987), quando ele alerta para o perigo de ignorarmos as relações entre cultura e poder, lembrando a possibilidade de desconsiderar a implicação da escola na reprodução de ideologias e práticas sociais opressivas. No entanto, ao analisar os problemas enfrentados por diferentes grupos culturais há o desenvolvimento da compreensão mais ampla e do respeito mútuo, que se reflete depois na sociedade. Esse desenvolvimento nos mostra que as teorias educacionais de cunho mais conservador não possuem a compreensão da cultura como um terreno de luta e também que não levam em consideração as relações existentes entre conhecimento e poder. Não adianta falar de forma muito ingênua em preparar os indivíduos de todos os grupos para a participação no desenvolvimento da sociedade. Precisariamos entrar em contato com as contradições culturais, compreender onde estão as tensões, porque o próprio fato de ignorar todas estas questões, em si mesmo, já aponta para a verificação de um conjunto de interesses de determinada classe que não deseja ver a explicitação viva das contradições. Assim, é mais fácil excluir dos currículos escolares estas discussões e enfoques culturais contraditórios, tornando-se cômodo para o professor esconder-se atrás de disciplinas técnicas e fragmentadas para fugir a este enfrentamento dentro do ensino superior.

Masetto (1998) define as faculdades e universidades como locais de encontro e convivência entre educadores e educandos, que formam um grupo que se reúne para trabalhar em situações que favoreçam o aprendizado nas diversas áreas do conhecimento e também nos aspectos afetivo-emocional, habilidades, atitudes e valores. O ambiente assim descrito nos mostra que existem aí as condições próprias para que se processem mudanças mais efetivas nas formas de construir o conhecimento do ponto de vista da pluralidade cultural, sem fazer qualquer negação ou tentativa de unificação simplistamente *harmoniosa*. É preciso preparar os indivíduos para explorar suas próprias vivências de contradições

e tensões, conseguindo compreendê-las, analisá-las, observá-las sob diversos pontos de vista para, somente então, fazer as escolhas que levarão a mudanças conscientes e politicamente engajadas.

Para Giroux (1987), a escolarização, a reflexão crítica e ação tornam-se partes fundamentais de um projeto social para ajudar os alunos a desenvolverem uma profunda e inabalável fé no combate para vencer as injustiças e mudarem a si próprios. Afinal, talvez possamos conseguir um pouco mais de harmonia e justiça social, que seja obtida através da busca consciente e do enfrentamento dos problemas, considerando a maior complexidade trazida pelas enormes diferenças culturais manifestas hoje. A partir das reflexões e considerações sobre tantas particularidades possíveis, do esforço de aprender a conviver e valorizar estas diferenças, sem a necessidade de negá-las ou sequer fingir que elas existam, pode-se criar uma sociedade mais rica e mais cheia de recursos engenhosos e complexos, visando uma melhor qualidade de vida para cada indivíduo, bem como o seu relacionamento com o outro. A diversidade cultural bem entendida e bem explorada, no sentido criador, além de ser fonte de idéias é também fonte de compreensão e respeito. Ela proporciona pensar a realidade de maneiras diferentes, de forma a contribuir para uma compreensão mais ampla, ou seja, aquela forma de pensar tão necessária para sobreviver na sociedade pós-moderna.

Conclusão

Sabemos que há uma relação direta entre as qualidades humanas exibidas e compartilhadas pelo professor, como o entusiasmo pelo tema que ensina, empatia, compreensão, proximidade afetiva e bom humor durante as aulas com o aumento da performance geral de seus alunos. Este pode ser um dos fatores de reflexão que leva a ampliar as competências didáticas dos professores — conseguir que percebam quanto o relacionamento humano e as posturas emocionais que assumem em situações de sala de aula interferem no processo de aprendizagem geral de seus alunos jovens e adultos, conseqüentemente, refletindo na formação dos mesmos.

Desejamos, em comunhão com inúmeros outros profissionais, que a experiência e o bom desempenho dos professores possam ser fatores de iluminação para tantos alunos que precisam urgentemente encontrar seu ponto de equilíbrio interno para sobreviver em meio ao tumulto da sociedade e do mercado de trabalho. O professor pode funcionar como a luz que auxilia a encontrar possibilidades, em meio à escuridão. Não cabe a ninguém lhe jogar toda a responsabilidade para que salve nosso mundo. Não se trata de criar objetivos messiânicos, porém, que ele assuma sua parcela de responsabilidade para que as mudanças se façam mais rapidamente, conforme muda a realidade à sua volta. Para isso, o ideal é que o professor resgate e mantenha um bom desempenho humano frente aos alunos, buscando trabalhar com valores que sirvam para sustentar melhores comportamentos em relacionamento e convivência produtiva, tão danificados hoje. Ele também pode oferecer seu modelo de pensamento investigador, despertando o gosto para a riqueza de materiais que temos à disposição, de forma a gerar mais conhecimentos, orientando seus rumos para além de qualquer possibilidade de sala de aula, instigando o aprendiz a ir além da mesmice gerada pela repetição.

Sabemos que não existem fórmulas simples e que nenhum caminho é fácil. Quando o nosso universo, pelos olhos da ciência, vai se revelando aos poucos e nos damos conta de que há somente um infinito a descobrir, percebemos que o mesmo se dá com o ser humano – quanto mais aprendemos e descobrimos, mais longe somos levados na direção da incerteza. Com o que podemos contar, afinal? Apenas com a beleza e a riqueza do potencial humano que carregamos... e com seus infinitos desdobramentos. Ajustar nossa forma de pensar para uma nova e intrigante realidade é o desafio. Acreditamos que nas atitudes essenciais para encarar este desafio deva estar a postura de enfrentar o desconhecido a partir da coragem interior – a coragem do guerreiro mítico que, mesmo se sentindo impotente e temeroso, assume os riscos e segue em frente, sem saber onde vai chegar, mas sabendo que só poderá ir a algum lugar que valha a pena, se souber desvendar os mistérios que surgem no caminho que vai construindo durante a jornada. Para os pro-

fessores, vale resgatar o herói interno que possui histórias de grandes jornadas e outras a empreender. Influenciar os alunos é inevitável... que seja boa a influência!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. 198p.

CHARLE, Christophe e VERGER, Jacques. *História das Universidades*. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1996. 131p.

DAMATTA, Roberto. *Explorações: ensaios de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. 164p.

GIROUX, Henry. *Escola crítica e política cultural*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1987. 104p.

KILPATRICK, William Heard. *Educação para uma civilização em mudança*. São Paulo: Melhoramentos, 1964. 92p.

LARA, Tiago Adão. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. 118p.

MARTINS, Francisco Menezes Martins e SILVA, Juremir Machado (orgs.). *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000. 294p.

MASETTO, Marcos T. (org.). *Docência na universidade*. Campinas, SP: Papirus, 1998. 112p.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. *Limites em expansão: licenciatura em artes visuais*. Belo Horizonte: C/Arte, 1999. 192p.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1991. 111p.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez, 1988. 103p.

TOYNBEE, Arnold Joseph. *Um estudo da história*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília/ São Paulo: Martins Fontes, 1986. 592p.

Data de Registro: 13/09/04

Data de Aceite: 01/12/04